

# O “povo invisível” foi salvo

Remanescentes dos Avá-Canoeiros sobrevivem graças ao trabalho de Furnas e da Funai

Paulo Vinhaes  
do Rio

*Era preciso estar sempre mudando, correndo muito, estar sempre na frente do homem branco mau, que atira, que mata. Sempre fugindo, correndo pela selva, cada vez mais fundo na floresta. Nada de aldeias, mas sim cavernas para dormir. E sem crianças, pois elas atrapalham, são lentas, choram e dão continuidade à tribo, continuidade à perseguição dos brancos. A índia grávida força o aborto e segue fugindo. O medo do branco os fazia desaparecer por longo tempo na selva. Passaram a ser chamados de “o povo invisível”.*

*Esta foi, durante muitos anos, a rotina dos índios Avá-Canoeiros, assim chamados pela habilidade na navegação. Descendentes da tribo Tupi e habitantes da região do rio Tocantins, a maior parte da tribo foi massacrada, em 1960, por fazendeiros que estendiam a fronteira agrícola do País mata a dentro. Os poucos que restaram se tornaram nômades, fugindo do homem branco de caverna em caverna. Em 1973 foram considerados extintos.*

*No final da década de 80 um indigenista da Funai fez contato com as índias Matxa, Nakwatxa e Tuia e Iawi, o único homem do grupo. Eram os últimos remanescentes da tribo Avá-Canoeiro. O “povo invisível” não estava extinto, mas pouco faltava para isto.*

*Na mesma época, Furnas Centrais Elétricas começava os trabalhos para a construção da Usina Hidrelétrica de Serra da Mesa, cuja barragem está localizada no rio Tocantins e seu reservatório inundou 10% do território dos Avá-Canoeiros. A empresa fez um convênio com a Funai para gerir a questão indígena, compensar a perda de território e promover a sobrevivência física e cultural dos índios. Furnas passou a trabalhar junto com a Funai na aproximação com os índios Avá-Canoeiros.*

*“A cada toque da sirene anunciando uma explosão no canteiro de obras da barragem ele me puxava pelo braço e me levava para um canto seguro, sempre dando gargalhadas”, conta a gerente do departamento de meio ambiente de Fur-*



Índios Avá-Canoeiros

*nas, Norma Pinto Villela, num relato de seu primeiro contato com Iawi, 41 anos, o único homem da tribo na época.*

*“Ele parecia uma criança, era ingênuo e brincalhão, ficava fascinado com meu cabelo louro, comprido, sempre puxando meu rabo de cavalo”, lembra Norma. Ela conta que com o trabalho desenvolvido pelos sertanistas e antropólogos, os índios aprenderam a conviver com os brancos, se sentiram mais confiantes e a tribo cresceu.*

*Iawi e Tuia tiveram um casal de filhos, Trumar e Putdjawa, elevando*

*a população dos Avá-Canoeiros do Tocantins para 6 pessoas. Matxa, Nakwata, Iawi, Tuia, Trumar, com 15 anos e Putdjawa, com 13 anos, vivem hoje numa aldeia construída por Furnas junto ao posto da Funai. Lá, eles retomaram seus hábitos e costumes. Voltaram a plantar roças, se dedicaram ao artesanato e à sua cultura, recuperaram sua maneira de ver e interpretar o mundo, mas mantiveram a inquietação dos tempos de perseguidos. Iawi e sua família construíram uma outra aldeia e de vez e quando se mudam para uma temporada longe dos brancos.*

*Sempre voltam. Hoje os Avá confiam no branco e sabem que contam com o apoio da Funai e de Furnas, como quando Trumar conseguiu prender um anzol no canto do olho e acabou ganhando um belo curativo no hospital. São programas como o de saúde que estão preservando os Avás e sua cultura e tentando perpetuar a tribo.*

*Durante sete anos, foram realizadas buscas a outros remanescentes do “povo invisível” para que viessem viver na reserva Avá. Os pesquisadores encontraram vários indícios de que outros índios Avá-Canoeiros perambulavam na região do Alto Tocantins, mas a lenda do povo invisível se manteve. Apesar dos indícios encontrados, nunca foi avisado qualquer índio. Uma nova tentativa foi feita com os Avá-Canoeiros da ilha de Bananal, ramo diferente da mesma tribo. Não deu resultado, pois os dois grupos não se entenderam.*

*Agora a perspectiva de que os últimos Avás não sejam a pequena Putdjawa e o irrequieto Trumar renasceu. Furnas e a Funai iniciaram um trabalho de aproximação dos Avá-Canoeiros do Tocantins com a tribo Tapirapé de Goiás, outro ramo dos Tupis. Os primeiros contatos já aconteceram e, desta vez, mostraram-se bastante promissores.*